



ELENA ET LES HOMES

HELENA E OS HOMENS

*Nova Cópia Digital Restaurada

Um filme de Jean Renoir

Sinopse

Helena, a jovem viúva de um príncipe polaco, vai viver para Paris, onde é cortejada por vários amigos. Decide tornar-se a "musa" do general Rollan, o ministro da guerra, que será empurrado para um golpe de estado pelos seus oficiais. Mas um deles, o Conde de Chevincourt, também ele apaixonado por Helena, faz abortar a conspiração, ganhando o seu amor. Instala-se uma grande confusão e é Helena que intervém agora a favor do general. Esta comédia de amores cruzados, onde todos giram à volta de Helena, é, como dizia o próprio Renoir, *Ingrid Bergman*, causa e corpo de um filme que gira também todo ele à sua volta, com um maravilhamento encantatório.

Actores

Ingrid Bergman, Jean Marais, Mel Ferrer, Jean Richard, Juliette Gréco, Pierre Bertin, Dora Doll, Frédéric Duvallès

Equipa Técnica

Realização e Diálogos – Jean Renoir

Argumento – Jean Renoir, Jean Serge

Direcção de Fotografia – Claude Renoir

Director Artístico – Jean André

Montagem – Borys Lewin

Música – Joseph Kosma

Uma Produção Franco London Films, Les Films Gibé e Electra

Compagnia Cinematografica

Produtor – Joseph Bercholz, Henry Deutschmeister e Edouard Gide

Características Técnicas

Ano de Produção: 1956

País: França, Itália

Duração: Aprox. 99 min

Classificação: M/12

Serge Daney, in *La maison cinéma et le monde*, 2. *Les Annés Libé*

[...] O que nutriu esta geração da "Nouvelle Vague" é uma curiosa mistura de elitismo e de populismo (o que me parece muito francês). Este é um fio que se pode seguir ao longo da história dos *Cahiers* e que, claro, se pode criticar. Eu sinto-me evidentemente incluído nisso, nessa dificuldade de ter interesse na via medíocre... O que era "elitista" nessa atitude? Que pessoas que tinham uma cultura mais literária, mas não muito avançada (o "baccalauréat"¹ pouco mais), tivessem "defendido" a vertente mais *escrita* do cinema francês: Renoir, Bresson, Cocteau e até Guitry e Pagnol, contra o "cinema de qualidade" que era fundado sobre uma concepção académica da "adaptação literária".

Dizer que Renoir é o mais inteligente dos cineastas é o mesmo que dizer que ele é francês até à ponta dos cabelos. E se *Elena et les Hommes* é "o" filme francês por excelência é porque é o filme mais inteligente do mundo. É arte e teoria da arte. Beleza e o segredo da beleza. Cinema e, simultaneamente, explicação do cinema.

A nossa bela Elena não é mais do que uma musa de província. Sem dúvida. Mas uma que busca o absoluto. Pois que filmando *Vénus* entre os homens, Renoir, durante hora e meia, sobrepõe o ponto de vista do Olimpo ao dos mortais. Perante os nossos olhos, a metamorfose dos deuses cessa de ser um *slogan* de bazar para se tornar um espectáculo de uma comicidade comovente. Através do mais belo dos paradoxos, com efeito, em *Elena* os imortais aspiram a morrer. Para se estar certo de viver, é preciso estar certo de amar. E para estar certo de amar é preciso estar certo de morrer. Eis o que Elena descobre nos braços dos homens. Eis a estranha e dura moralidade desta fábula moderna disfarçada de *opera buffa*. Trinta anos de improviso durante as rodagens fizeram de Renoir o primeiro técnico do mundo. Concretiza num só plano o que outros fariam em dez. Nunca um filme foi tão livre

como *Elena*. Mas, no fundo, a liberdade é uma necessidade. E nunca um filme foi tão lógico.

Elena é o filme mais mozartiano do seu autor. Menos pela aparência exterior, como acontece com *La Règle du Jeu*, do que pela sua filosofia. O Renoir que termina *French Cancan* e prepara *Elena* é um pouco, moralmente, o mesmo homem que termina *Concerto pour clarinette* e toca *La Flûte Enchantée*. Quanto ao conteúdo: a mesma ironia e o mesmo desprezo. Quanto à forma: a mesma audácia genial na sua simplicidade. À pergunta, o que é o cinema? *Elena* responde: mais do que o cinema.

Jean-Luc Godard, *Cahiers du Cinéma*, 1957

Os macacos e Vénus [Eléna et les Hommes de Jean Renoir]

Concebido sob a forma de uma fábula, *Elena* comporta uma moral que em aparência é muito mais simplista do que a que se exprime em Boudu ou *La Règle du Jeu*. Obriga-nos, pois, a não nos determos nas primeiras impressões. Não nos preveniu Renoir que o cinema é uma arte difícil e que “numa sala enorme como a do Gaumont-Palace, não existem mais do que três pessoas que possam compreender o que se passa no ecrã”? O que prova, portanto, *Elena*, uma vez que, nas palavras de Renoir, “um filme nada prova, mas prova sempre qualquer coisa”? Que nada mais conta na vida do que comer bem e fazer amor e que a preguiça vale mais do que a acção? Esta filosofia de vida tem patronos não menosprezáveis, como Diógenes ou Epicuro. O que mais nos surpreende é a forma brutal e linear que Renoir lhe confere. Ao condenar Rollan, o general fantoche, não condena apenas os ditadores de pacotilha mas toda a política em si. Ao ridicularizar Elena, nova Philaminte ou nova Mme de Chevreuse, Renoir não faz mais do que adensar a caricatura que uma certa tradição misógina, que vai de Horácio a La Fontaine, passando pelas fábulas medievais, nos tinham apresentado sob diversas formas. Eu sei: “Elena é Vénus”; mas, acreditamos ainda em Vénus?

Renoir não estará a remoer truísmos? Se o faz, é porque tal é necessário.

Não será o menor mérito deste filme o de saber conferir de novo sentido aos lugares-comuns. A prova que tal não é um exercício inútil é o facto de nos deixarmos surpreender de novo por máximas que nos eram familiares quando nos debruçávamos sobre Epicuro ou Montaigne.

A arte do burlesco, segundo os cânones clássicos do *Grand Siècle*, é a de falar “nobremente das pequenas coisas”. Parece-me que nesta farsa Renoir alcança o seu oposto pois dá um tratamento risível às acções mais sérias. Mas, em boa verdade, ele trabalha menos sobre uma realidade nobre do que sobre a caricatura que esta suscita.

Eric Rohmer, *Cahiers du Cinéma*, 1956

[trad. Cláudia Coimbra]